

MATERIAL ARQUEOLÓGICO DOADO: O QUE FOI FEITO COM A COLEÇÃO VILA DE SANTO ANTÔNIO, RO

Eclésia Gonçalves do Nascimento¹

Juliana Rossato Santi²

Resumo

Este artigo apresenta a louça da Coleção Vila de Santo Antônio (C.V.S.A.), material proveniente de coletas assistemáticas realizadas por “terceiros”¹ e recuperados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN/RO repassada para Universidade Federal de Rondônia, como cultura material arqueológica passível de análise e interpretativa. Expõe ainda, dados relacionados ao estudo monográfico de final de Curso (Arqueologia/Universidade Federal de Rondônia/UNIR). A coleção atualmente encontra-se salvaguardada na Reserva Técnica do Departamento de Arqueologia – DARQ da UNIR utilizada como material didático na disciplina de arqueologia histórica.

¹ Arqueóloga formada pelo Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia. E-mail para contato: eclesia8@hotmail.com

² Professora orientadora Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia.



Palavras-chave: Louça Histórica; Curadoria; Rondônia

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre o estudo das louças que integram a coleção Vila de Santo Antônio, doada para a Universidade Federal de Rondônia – UNIR, e que estão salvaguardadas no departamento de Arqueologia – DARQ, oriundas de coletas realizadas por “terceiros”.

O objetivo deste trabalho não foi o de determinar cronologia/datação para as louças da coleção C.V.S.A. já que essa é uma dentre as informações que podemos identificar no prisma da arqueologia Histórica. O objetivo principal foi garantir a preservação e o conhecimento do potencial interpretativo da coleção, viabilizando o contato com o acervo para uso didático e pesquisas futuras.

Ainda que muitas informações foram perdidas em razão da sua forma amadora de coleta, esta é uma coleção de grande potencial interpretativo. O mínimo de informações que seja recuperada, colabora para o conhecimento da História local, sendo umas das áreas de coleta assistemática, a primeira vila (a Vila de Santo Antônio) que integra hoje a cidade de Porto Velho.

2. ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E O SÍTIO ARQUEOLÓGICO VILA DE SANTO ANTÔNIO.

Conceituar, definir a Arqueologia Histórica não é uma tarefa fácil. Esse campo da arqueologia apresenta uma série de questionamentos referente à nomenclatura, área de abrangência de atuação e até a composição dos objetos/artefatos a serem estudados.

Segundo (Costa 2013) as indagações sobre a utilidade da Arqueologia Histórica se depara muitas vezes em motivações temporais, que são relacionadas nas aplicações de técnicas já utilizadas na Arqueologia Pré-Colonial, questionamento do “por que realizar pesquisas sobre o passado material de sociedades das quais se tem disponível as fontes documentais escritas, orais e iconográficas?” Essas incompreensões colaboram para a incorporação de diversas denominações depreciativas no período de formação da Arqueologia Histórica, desde uma ciência auxiliar, prima pobre ou serva da Arqueologia e da História.

Corroborar-se com (Herberts 2009) quando fala que não há para a Arqueologia Histórica uma definição única que contemple todas as possibilidades de pesquisa e que seja um consenso entre todos os arqueólogos e arqueólogas. No Brasil mesmo a delimitação do campo de atuação da Arqueologia Histórica passa por estruturação como todo campo de pesquisa em formação. Para (Funari 1996; 2004) para ser possível compreender a Arqueologia Histórica contornando a complexa definição em si é preciso situar a subdisciplina em seu contexto histórico e social.

Corroborar-se com (Lima 1993) quando salienta que os arqueólogos e arqueólogas históricos trabalham com uma importante fonte de informação que é capaz de gerar conhecimento que as fontes escritas sozinhas não permitem acessar, para isso é imprescindível realizar uma leitura verdadeiramente interpretativa da cultura material extraíndo o potencial

transformador sendo necessário percorrer outros espaços analisando as modificações sociais as características atuais e perspectivas futuras, sempre atuando no contexto social e político.

O sítio arqueológico Vila de Santo Antônio está localizado distante 7 km da cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia (Coordenadas UTM 20L E395810/N9025908) (Scientia, 2012).

Segundo (Fonseca 2007) Santo Antônio do Alto Madeira, como era chamada, teve sua origem ligada à fundação de uma missão jesuítica no ano de 1723 com o objetivo de catequizar os índios e dar apoio às atividades de exploração e reconhecimento do Vale do Madeira, os vestígios culturais indígenas dos primeiros habitantes desta localidade remontam há 256 anos depois de Cristo.

Uma dificuldade significativa que temos para conhecer a história da Vila de Santo Antônio em Porto Velho é a falta de dados bibliográficos e documentais (desaparecidos), havendo apenas alguns relatos que evidenciam a importância histórica da vila.

Este sítio arqueológico foi alvo de estudos arqueológicos a partir de 2005, onde, pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi realizaram levantamentos sistemáticos, referente à arqueologia histórica na área de influência da construção das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira. O levantamento serviu de base para os Estudos de Impacto Ambiental (EIA), descritos no Relatório de Impacto Ambiental (RIMA). O relatório final incorporado ao RIMA recomendou a investigação arqueológica de diversas áreas ao longo do curso do rio. Em 2008, para atender às recomendações feitas no EIA, a empresa de arqueologia Scientia Consultoria Científica foi encarregada de desenvolver estudos na área a ser impactada pela usina de Santo Antônio, realizar salvamento arqueológico de sítios ameaçados (Gomes 2013).

Nos anos de 2010 e 2012 duas áreas do Sítio Vila de Santo Antônio foram escavadas, e os vestígios ali recuperados estão sob a guarda da referida empresa, ainda hoje, porém serviram de base de estudos para em 2013 ter sido publicada a primeira dissertação de mestrado nessa área, pelo pesquisador Raimundo Ney Gomes, Universidade Federal do Pará, uma síntese de suas pesquisas bibliográficas e de campo, intitulada: Arqueologia e cultura material - uma História contada em cacos de vidros e louças da Vila de Santo Antônio (Porto Velho – RO). Nela ele traz argumentos teóricos e práticos que guiaram as análises e o desenvolvimento deste trabalho.

O arqueólogo Ney Gomes (2013) que pincelou arqueologicamente o nascimento de Porto Velho enquanto núcleo urbano, aponta, a possibilidade de juntamente com os documentos e os estudos históricos, contar uma História sobre a Vila de Santo Antônio, no Alto Madeira que perpassam por possíveis inconsistências ou inadequações no registro puramente escrito.

3. LOUÇA DA VILA SANTO ANTÔNIO SEGUNDO A COLEÇÃO VILA DE SANTO ANTÔNIO (C.V.S.A)

A coleção Vila de Santo Antônio (C.V.S.A) doada para a Universidade Federal de Rondônia – UNIR, cujo nome é uma referência ao sítio arqueológico homônimo, de grande importância histórica, que faz parte de umas das áreas de intervenções/coleta realizada por

“terceiros” é composta de diferentes categorias de material arqueológico histórico, sendo 1.483 fragmentos de louças, 1.001 garrafas de vidro inteiras, 28 fragmentos de vidros, 30 garrafas de grés sendo inteiras e semi-inteiras, frascos de remédios, cosméticos/perfumaria, tampas, taça, tinteiros, todos de vidro sendo inteiros e semi-inteiros somando 466 fragmentos, a categoria metal é composta de colher, parafusos, latas e moedas contabilizando 22 fragmentos.

No início da pesquisa não constava nenhum documento oficializando a doação desse material, para a UNIR. Não se tinha o conhecimento nem de que ano ocorreu o seu recebimento no Departamento de História, no qual funcionava o Curso de História e o de Arqueologia. No ano de 2011 o Departamento de História foi desmembrado e passou a existir o Departamento de Arqueologia, quando a guarda foi passada exclusivamente para o departamento de Arqueologia (DARQ) de maneira informal (Fonte relato oral).

O material estava encaixotado totalmente misturado e sem nenhum registro quantitativo, qualitativo e de contexto em que foi coletado, sem documentação alguma. As informações que tínhamos (de cunho informal) era que a coleção seria originária de doação e que o local de coleta era a Vila de Santo Antônio.

A coleção estava no que poderíamos caracterizar por um enterramento no contexto institucional. Mesmo o material estando em um ambiente de pesquisa, suas funções de colaborar para o conhecimento estava sendo limitadas, devido à falta de informações básicas para garantir confiabilidade nas interpretações a serem realizadas. Material com documentação invisível, que até a etapa de análise, desta pesquisa não se tinha certeza dos dados relacionados a contexto, procedência, aquisição formal da coleção pela instituição.

O Curso de Arqueologia da UNIR tem utilizado esse acervo dentro da disciplina de Arqueologia Histórica, de forma didática a fim de realizar as aulas práticas em laboratório. Foi nesse contexto que surgiu, o interesse de realizar o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de curso- TCC e pesquisar esse material com análise da categoria louça do acervo.

Quando percebemos o enterro institucional da coleção iniciamos as etapas de curadoria e análise do material, realizando em conjunto, uma investigação para entender como esse material chegou à universidade.

O primeiro passo foi realizado no próprio Departamento de Arqueologia, onde esse material se encontrava guardado, sem documentação de registro. Não encontrando nenhuma documentação, recorremos ao Departamento de História da UNIR, que era o setor que recebeu esse material e não foi possível obter nenhuma informação a respeito da documentação. Algumas conversas informais nos deram ideia de procurar a Chefia do Departamento da época para saber ao menos sobre a data de recebimento, para que pudéssemos buscar qualquer tipo de informação a respeito, porém, não acessamos essa informação e essa coleção seguia sendo um mistério extraoficial dentro da universidade. A última etapa do levantamento foi no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –IPHAN 16º Superintendência Regional Rondônia e Acre, onde localizamos o processo Nº. 01410.000074/2008-42, interessado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 16ºSR, assunto, recebimento de acervo arqueológico sob a guarda de terceiros, com data de 28/11/2008.

A partir da leitura do processo foi possível conhecer os indicadores de pontos de coleta da referida coleção e os contextos que eles foram retirados. A localização dessa documentação



foi de fundamental importância, pois pudemos certificar o momento da institucionalização do material ampliando o conhecimento da forma que esse chegou à universidade e os trâmites processuais. De posse dessas informações elaboramos um esquema mapeando os pontos de coletas, com o auxílio da ferramenta do Google Earth.

Na documentação, fornecida pelo IPHAN, identificamos e reunimos as seguintes informações: existiram duas áreas de coletas que ocorrem nos anos de 1991 até 1995, nos períodos de cheias e vazante do Rio Madeira.

A primeira área localizada é a denominada “Cachoeira de Santo Antônio” o material se encontrava na margem direita, tanto a montante, numa margem entre mil a mil e duzentos metros acima do limite da Igreja de Santo Antônio e, a jusante na área que chega até a área de captação da Companhia de Águas e Esgotos de Rondônia CAERD. No período de vazão do Rio Madeira era possível encontrar peças em vidro e louça no leito do canal entre a Ilha do Presídio e a margem direita.

A segunda área é a denominada “Lixeira dos Ingleses” localizada na margem direita do Rio Madeira no bairro Caiari, a jusante do pátio Ferroviário da E.F.M.M.”.

Com base nos dados dos pontos de coletas do material arqueológico, documentado diretamente pelo responsável pelas coletas, criamos um mapa esquemático localizando na área em questão os locais de intervenções, e pudemos demonstrar a amplitude de atuação do mesmo, sendo aproximadamente 9 km de área.

Foram 7 pontos de coleta com localidades denominadas sendo que dentre esses, 3 são sítios arqueológicos que foram pesquisados e cadastrados posteriormente a essa ação, devido estarem na área de intervenção do empreendimento da hidrelétrica de Santo Antônio no Rio Madeira. Os sítios são Brejo, Ilha do Presídio (ambos extintos na construção da hidrelétrica) e o Sítio Vila de Santo Antonio, que teve sua área preservada. Os demais locais denominam-se: área de captação da CAERD, Lixeira dos Ingleses e Casarão dos Ingleses (Figura 1).

Figura 1 - Pontos de coletas do acervo da C.V.S.A. Fonte: Google Earth.



A louça da coleção é composta por porcelanas e faianças finas, dotados de uma gama de atributos (selos, decorações diversas, forma, etc...), que torna possível uma análise mais acurada, tendo em vista que não contaremos com os dados espaciais do sítio, por serem provenientes de coletas assistemáticas. Com 1.483 fragmentos de louças sendo 1.338 de faiança fina e 95 fragmentos de porcelana todos foram analisados de forma quantitativa e qualitativa e as informações proporcionaram a elaboração de um catálogo de louças históricas para Rondônia.

Inicialmente, todo material passou por curadoria com base em Lôredo (1994) e Pacheco (2013) que foi constituída das seguintes etapas: Primeiramente os materiais foram retirados das caixas e iniciou-se a higienização individual de cada fragmento, com auxílio de uma escova de dente de cerdas macias e água corrente, realizando-se a limpeza de forma mecânica, permitindo o controle da força aplicada, sem movimentos bruscos principalmente sobre as superfícies decoradas ou com selo, evitando quebras e causar na peça limpeza drástica ou até ranhuras, após esses procedimentos, foram sendo expostos em bandejas com possibilidade de escoamento da água para secagem natural (Figura 2).

Figura 2- Louça na etapa de curadoria. Foto: Eclésia Nascimento.



Em seguida realizou-se a identificação da pasta separando-se conforme sua natureza, ou ainda, faiança fina e porcelana ao passo que foi sendo agrupados em conjuntos os fragmentos que pertenciam à mesma peça com base em suas características para a etapa de remontagem.

Em relação à remontagem foi possível identificar fragmentos de uma mesma peça reconhecendo a forma, mas que faltava parte de encaixe que impossibilitou a reconstituição dos mesmos. Demonstrando provavelmente uma preferência do coletor em recolher os fragmentos maiores não se preocupando com a possibilidade de reconstituição ou isso já é o reflexo das condições que se encontrava sem os devidos cuidados de acondicionamento exigido.

Ressalta-se ainda que quando iniciamos o processo de limpeza da coleção, percebemos que um número pequeno de fragmentos já se encontrava remontado, não sendo possível identificar quais produtos foram utilizados, porém, foi perceptível que foi feito de forma rústica. Os fragmentos nas partes fixadas apresentam coloração amarelada, com aspecto de verniz base transparente lustrosa. Não realizamos intervenções para reverter esses procedimentos porque entendemos que poderia danificar ainda mais a peça.

Na etapa de numeração seguimos a categorização do material conforme padrão



instituído pela Reserva Técnica, Coleção Vila de Santo Antônio - C.V.S.A, seguido do número de procedência –NP, que foi atribuído em laboratório iniciando em 01 até 1.483. Os conjuntos identificados na etapa de remontagem foram mantidos e marcados de formas sequenciados individualmente, visando não alterar a quantificação das formas identificadas sendo todos registrados na ficha como uma única peça e constituída de determinada quantidade de fragmentos.

No início do registro nos fragmentos foi utilizada caneta nankin número 01 tinta preta nankin (tinta chinesa de alta fixação), porém, devido inúmeras falhas das canetas, entupindo a pena e prejudicando o andamento do trabalho, foi feita a substituição por pena bico de aço (mosquito) mantendo a mesma tinta. O preparo das peças foi feito de forma individual nos fragmentos que receberam uma fina camada de verniz (esmalte incolor para unha, para não acontecer o contato da tinta com a superfície do fragmento), evitando marcação nas laterais podendo ocorrer perda da numeração em futuras quebras ou em partes decoradas danificando atributo, para finalizar após a secagem da tinta foi aplicada mais uma camada de verniz impermeabilizando e garantindo a permanência da marcação.

Figuras 3 e 4- Louça na etapa de curadoria/numeração e material na etapa de análise (Foto: Eclésia Nascimento).



Os fragmentos foram agrupados obedecendo a categorias correspondentes aos atributos semelhantes, sendo assim possível a aplicação da ficha de análise de forma padronizada, que será apresentada a seguir.

Foi utilizada como recurso de auxílio na análise uma lupa binocular (*Optom*), para caracterizar a composição da pasta dos artefatos e as particularidades não observáveis a olho nu (esmalte, selo, decoração e marcas de uso), atributos pertinentes que favoreçam inferir a procedências dos mesmos e nortear a interpretação (Figuras 3 e 4).

Após essa organização primária em que obtivemos todos os materiais equiparados, prontos para a análise, foi utilizado o roteiro e a ficha de análise elaborada por (Costa 2010), adaptados aos objetivos da pesquisa, que compreenderam os seguintes atributos: forma; pasta; esmalte; técnica de decoração; cor; padrões ou motivos decorativos; superfície modificada; selo; marca; quantidade e observações.

Após etapa de análise foi realizado o armazenamento do material visando garantir a preservação do acervo e agilidade em pesquisas futuras: para isso trabalhou-se com a digitalização dos dados obtidos, fichas de análise, registros fotográficos e acondicionamento do material adequando as particularidades que o registro arqueológico exige conforme a natureza do material e a realidade da reserva técnica.

Foi feita a confecção de suportes com placas de polietileno (nome popular isopor) de forma artesanal e personalizada para as peças mais frágeis, com cavidades sobre medida proporcionando o mínimo de mobilidade de forma individual pra cada fragmento. Os demais foram acondicionados em sacos plásticos, envoltos em plástico bolha e guardados totalizando 8 volumes sendo 5 caixas de papelão e 3 caixas organizadoras referência G-437x310x240mm – 15kg (que seria o material mais adequado a ser guardado o material na reserva técnica em segurança, sem risco de sofrer impactos durante o manejo ou infestações de insetos que possam pôr em risco todo o acervo, porém a Universidade não pode fornecer esse material). A identificação das caixas seguiram as normas estabelecidas para permanência de materiais na reserva técnica efetuado pelo corpo técnico do departamento de arqueologia, com a etiqueta contendo as seguintes informações: logo do departamento, nome do sítio, proveniência, natureza do material, quantidade e cadastro, que o número do livro de tombo que o mesmo foi registrado na unidade e registro digital (Figuras 5 e 6).

Figura 5 - Antes e depois da organização das louças. Foto: Eclésia Nascimento.



Figura 6- Armazenamento do Material após análise. Foto: Eclésia Nascimento.



Não poderíamos deixar de refletir, sobre as consequências da ação de não arqueólogos, intervindo no patrimônio sem o conhecimento para tal. A nossa atuação deve sempre buscar junto com a comunidade que vive em contato direto com os sítios arqueológicos desenvolver medidas para que eles possam identificar, proteger e até mesmo, denunciar essas práticas. A cultura material é evidência histórica, parte integrante de um contexto da História de um povo, porém, sozinha não é suficiente para interpretação do seu agente produtor, modificador e consumidor.

Não abandonar essa coleção, extrair as informações que foram possíveis, é uma forma da instituição, exercer um de seus papéis junto à sociedade que vai desde, informar, preservar e construir junto com a comunidade o conhecimento, dando o devido retorno a quem de fato pertence essa História.

Referências

- Costa, D. 2010. Arqueologias Históricas: um panorama temporal e espacial. *Vestígios Revista latino-americana de arqueologia histórica*, v. 4.
- Costa, D. 2013. Algumas abordagens teóricas na arqueologia histórica brasileira. *Cienc. Cult.* vol.65 no.2:30-32 São Paulo Apr/June.
- Fonseca, Dante Ribeiro da. 2007. *Estudos de história da Amazônia*. Maia: Porto Velho.
- Funari, Pedro Paulo A. 1996. O amadurecimento de uma Arqueologia Histórica Mundial. *Revista de História*, São Paulo, n. 135:163-168.
- _____. Teorias e métodos na arqueologia contemporânea: o contexto da arqueologia histórica. *Mneme Revista de Humanidades*, Caicó, v. 6, n. 13:1-5, dez.
- Gomes, R. N. C. 2012. *Paisagem, História e Cultura Material - o Sítio Vila de Santo Antônio em Rondônia, Sob a Perspectiva da Arqueologia Histórica*. Qualificação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará.
- Gomes, R. N. C. 2013. *Arqueologia e Cultura Material: Uma História Contada em Cacos de Vidros e Louças da Vila de Santo Antônio (Porto Velho, RO)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará.
- Herberts, Ana Lucia. 2009. *Arqueologia do caminho das tropas: estudo das estruturas viárias remanescentes entre os rios Pelotas e Canoas, SC*. 2009. 540 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Lima, T. 1993. Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, Nova Série v.1:255-262, São Paulo.
- Pacheco, M. D. 2013. *Novos Métodos Curatoriais Aplicados aos Materiais Arqueológicos: Da Intervenção ao Acervo*. Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Vol. I, Santa Maria, RS.

Scientia Consultoria Científica. 2012.. *Arqueologia na Área do Projeto de Recuperação e Revitalização da Área Onde se Encontra a Igreja de Santo Antônio*. Relatório 1 Scientia Arqueologia Científica/Santo Antônio Energia S.A.

